

## VICTOR HUGO NO PORTO FINISSECLAR: MARCAS DE UM PERCURSO

Em 22 de Maio de 1885 morria, em Paris, Victor Hugo. A cidade do Porto, irmanada na dor e no pesar com a capital francesa, não quis deixar de prestar uma última e, a julgar pelos inúmeros documentos da imprensa portuense da época, verdadeiramente apoteótica manifestação ao escritor e ao homem que foi uma presença actuante no devir das diferentes gerações que transformaram as ideias e a cultura em Portugal no século XIX.

Recordemos esse momento de devoção hugoliana com que o Porto, no dia 31 de Maio de 1885, homenageou e chorou, no dizer de *O Primeiro de Janeiro*, «o maior vulto literário do século»<sup>1</sup>.

O jornal *A Província* relatará pormenorizadamente os preparativos, etapas, cenários e associações envolvidas neste espectacular consagração que rapidamente se impôs pelo seu carácter popular. Citamos:

«Ao nosso convite, feito só com um dia de antecipação, correu uma grande parte da população ilustrada da cidade, mas o que é notável é que o povo veio associar-se também a esta homenagem, enfileirando-se no cortejo, e coalhando de milhares e milhares de pessoas todas as ruas.»<sup>2</sup>

E mais adiante prossegue:

«Na Rotunda da Boavista, o plincho, onde se levantava o vulto do enorme poeta, modelado n'um dia pelo distinto professor

---

<sup>1</sup> *O Primeiro de Janeiro*, 23 de Maio de 1885.

<sup>2</sup> *A Província*, n.º 9, 3 de Junho de 1885.

Francisco José Rezende, desaparecia sob um docel de palmeiras, fêtos arbóreos, pequenas araucarias etc. (...)

Quando o cortejo desembocou na praça, a multidão era extraordinária; pôde afoutamente calcular-se em 20.000 pessoas.»<sup>3</sup>

Então, Guerra Junqueiro, um dos poetas mais intimamente ligados à propaganda republicana da geração de 70 e um dos mais ferverosos discípulos de Victor Hugo, arrebatou a multidão com a grandiloquência de um discurso improvisado, a atestar a influência do próprio mestre a que agora prestava sentida homenagem.

Para além disso parece ter sido a Imprensa do Porto aquela que mais explorou a doença e a morte de Victor Hugo alimentando durante dias a fio o fervor e a admiração dos portuenses por esse combatente da Liberdade pondo em relevo, ora o seu realismo humanitarista, ora o seu republicanismo ardente, ora o seu profetismo libertário e socializante, ora ainda a sua sensibilidade estética e a força do seu talento de poeta.

O empolamento desta questão dará azo a que *O Correio do Porto* de 8 de Junho de 1885 condene e reprove tais excessos:

«A nossa imprensa é muito exploradora e já vai estafando muito os prelos com a sentida morte de Victor Hugo; (...). Não quero com isto dizer que não mereça todo o respeito e dor pelo ocaso, mas o verdadeiro é que não desça à especulação (...).»<sup>4</sup>

É certo, todavia, como afirmará Alberto Moreira, ao analisar a importância de Victor Hugo em Portugal, que a cidade do Porto reservou ao poeta francês «a maior apoteose que na Península se prestou à memória do autor dos Miseráveis»<sup>5</sup>.

É conveniente observar que, já a partir da segunda metade do século XIX, Victor Hugo gozava no Porto de grande projecção tomando-se, especialmente no domínio estético-literário, um dos poetas predilectos de *A Grinalda*, mas a sua influência continuaria a crescer ganhando, nas últimas décadas, uma espantosa estatura mítica, de contornos políticos, que se

---

<sup>3</sup> *Ibid.*

<sup>4</sup> *O Correio do Porto*, 8 de Junho de 1885.

<sup>5</sup> MOREIRA, Alberto — *Victor Hugo. A sua influência na mentalidade portuguesa na segunda metade do século passado*, Porto, 1952, p. 23.

ficou sobretudo a dever ao aproveitamento que das suas ideias e das suas teses fizeram alguns sectores da nossa cultura. E um dos sintomas inequívocos da considerável recepção e projecção do escritor, nesta cidade, prende-se com o número crescente de obras reeditadas, ou editadas pela primeira vez neste período, as quais obedeciam a características e temáticas bem determinadas.

Assim, se considerarmos, em primeiro lugar, os anos de 1885 e 1886 vemos ressurgir, em língua portuguesa, textos da fase inicial do escritor como *Bug-Jargal* e *Notre-Dame de Paris*, mas também narrativas mais tardias como o já célebre romance *Les Misérables* (com 2 edições: 1885 e 1886), *Les Travailleurs de la Mer* (1886), *L'Homme qui rit* (1886) e *Quatrevingt-treize* (também com 2 edições: 1885 e 1886).

Muito embora esta audiência corresponda a uma fase historicamente situada, já que ligada à recente morte do mais célebre escritor do século, esta vaga de edições não constitui um mero documento de circunstâncias, que as boas expectativas de venda explicariam, mas é igualmente um testemunho irrefutável da presença e do apreço com que Victor Hugo era recebido no Porto.

Todavia, devemos deter-nos com particular atenção nos anos que decorreram entre 1889 e 1892, o que nos permitirá perceber a divulgação da imagem de um Hugo já francamente mais politizado. O tom das obras que agora vêm a lume na capital do Norte parece corresponder a estratégias e a objectivos mais intencionais pois revelam ser momentaneamente dependentes das condições históricas ou do clima ideologicamente agitado que então no Porto se respirava.

A 3.<sup>a</sup> edição portuense do romance *Quatrevingt-treize* em 1889, pelo testemunho político de que o livro se encontra investido, nomeadamente ao valorizar e manter viva a chama de um republicanismo ardente, constitui uma peça importante para a compreensão desse surto de “hugolianismo”. Apesar do idealismo que lhe está subjacente, nesta obra Victor Hugo procura justificar a fase terrorista da Revolução Francesa como necessária ao despontar de uma República humanitária, identificada com os interesses gerais do povo e os ideais de liberdade.

Dois anos mais tarde, ou seja, em 1891, a consciência de que urgia relembrar e atacar hábitos e vícios arreigados na sociedade leva os editores à redescoberta de obras hugolianas publicadas nos anos 30 em França, como *Claude Gueux* e *Le Roi s'amuse*. O primeiro texto exprimia o empenho do autor no combate frontal contra o crime desumano da pena de

morte e o segundo, ao invocar a figura devassa do rei, enquadrava-se na luta contra a escandalosa corrupção do regime monárquico. A par destas obras circulava também uma nova reedição de *Les Misérables*, a qual vinha, uma vez mais, reacender o protesto e as inquietações dos espíritos generosos contra as profundas injustiças sociais.

No Porto, desta época, apareceriam ainda obras redigidas por Victor Hugo na década de 50, aquando do golpe de estado de 2 de Dezembro de 1851. Desiludido, forçado ao exílio, Victor Hugo criticará ferozmente o restabelecimento do Império, a liberdade confiscada ao cidadão e o espírito retrógrada de um regime apoiado nas forças conservadoras e clericais. Assim nascerão *Napoléon le petit*, *Les Châtiments* e *Histoire d'un crime*.

A actualização destes momentos trágicos na história de um homem e de uma nação far-se-á respectivamente, no Porto, em 1891 e 1892 pela publicação portuguesa de *História de um crime* e de *Napoleão o pequeno*. Esta reabilitação de obras de fervor republicano e democrático, de ataque ao despotismo reinante, não era tão desusada como à primeira vista pareceria pois, nesta viragem de fim de século português, esta literatura trazia uma mensagem que correspondia aos anseios de uma geração que ambicionava pelo advento da República em Portugal. Este recuo no tempo e na experiência de um homem, ou esta recuperação do espírito de revolta assumido por Victor Hugo aquando da agonia da República em França, parecem-nos, assim, duplamente significativo, e deve ser enquadrado no devir do nosso próprio processo histórico-ideológico.

Vivendo na fermentação política do republicanismo o Porto como que se socorre do passado francês para injectar sangue novo na corrente progressista depois do fracasso do 31 de Janeiro ao mesmo tempo que, pelo seu espírito mordaz, estas obras satisfaziam a sede de uma cidade assistindo à debandada dos seus homens face às deletérias consequências de uma revolução abortada. Já anteriormente em 1885, ao discursar sobre Victor Hugo, Guerra Junqueiro se ficava, em matéria de referência textual, pela citação dos *Châtiments* apontando-os como a «Bíblia do Ódio»<sup>6</sup> ou «o maior grito de revolta que tem expluido até hoje do coração de um homem»<sup>7</sup>.

Que a «mise à la mode» destes livros não era, de facto, ingénua prova-a ainda outros tantos elogios incondicionais da Imprensa da época.

---

<sup>6</sup> *A Província*, 3 de Junho de 1885.

<sup>7</sup> *Ibid.*

Victor Hugo, o defensor da liberdade, o mestre dos movimentos humanitários, o anunciador profético e missionário da República e o panfletário anti-clerical, falava mais alto ao coração dos portugueses neste fim de século do que a própria doutrina estético-literário por ele estabelecida. O discurso sobre Victor Hugo toma, assim, dimensões verdadeiramente épicas como neste outro excerto do *Correio do Porto* de 1887:

«Cantor infatigável do progresso, apóstolo da paz, defensor sublime do nacionalismo contemporâneo, Victor Hugo, que nas suas imortais obras sempre defendeu os fracos, levantou os humildes, protegeu os desvalidos, castigou os tyranos do pensamento dos povos, condenou toda a espécie de despotismo (...)»<sup>8</sup>

Todavia, este «aproveitamento» da ideologia hugoliana para a causa republicana e democrática portuguesa não se animou de súbito e não pode por isso ser limitado às últimas décadas do século passado. De facto, o escritor francês preparou, pelas suas ousadias de pensamento, o avançar ideológico, político e social da sociedade portuguesa desde o final da primeira metade do século XIX, como demonstra o interesse e a prontidão com que a sua obra era acolhida e divulgada entre nós. A complexa evolução da mensagem republicana de Victor Hugo deveria, pois, levar-nos à evocação de grandes figuras portuenses que, alguns anos antes, compreenderam e repercutiram a palavra do mestre numa comprovada identidade com os valores por ele defendidos.

Entre outros, deveríamos citar o poeta Guilherme Braga que, apesar da sua curta vida, orientou, através dos seus escritos, a fase que antecedeu e preparou o republicanismo do fim do século. Nessa altura, segundo A. de Magalhães Basto, vivia-se no Porto um «período de grande vibração mental, de grande agitação doutrinária e partidária da sociedade portuense. Ao lado duma corrente monárquica, conservadora, católica obediente a Roma e aos seus ministros, formara-se uma outra muito mais aguerrida, e barulhenta, de ideias republicanas, socialistas, revolucionárias e anti-clericais»<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> *O Correio do Porto*, 14 de Março de 1887.

<sup>9</sup> BASTO, A. de Magalhães — *Figuras literárias do Porto*, Porto, Liv. Simões Lopes, 1947, p. 104.

Na *Gazeta Democrática*, um dos primeiros jornais republicanos de importância, ou ainda noutros periódicos portugueses como *A Luta* e *O Nacional*, Guilherme Braga exortava à mudança. Mas o seu empenho doutrinário e os seus sentimentos de revolta ficou a devê-los, Guilherme Braga, ao poeta francês que ainda segundo A. de Magalhães Basto «adorava como um ídolo, um semi-deus»<sup>10</sup>.

Com ele aprendeu a compartilhar o anticlericalismo combativo, o anseio de generosidade, a aspiração democrática e revolucionária e os ataques aos fundamentos de uma sociedade minada pelo lucro, pela corrupção e pela hipocrisia. O seu republicanismo, de raiz hugoliana, leva-o a propagandear, como uma comoção sentida, a carta que em 1870 o exilado de Guernesey lhe escreve profetizando o sonho de uma República universal que deveria corporizar-se a curto prazo.

Depois de saudar em Guilherme Braga o companheiro da ideia republicana diz Victor Hugo:

«Plus nous avançons dans ce grand dix-neuvième siècle, plus la lumière se fait. Les obstacles momentanément interposés, Napoléon III, Bismarck, le Concile, etc, toutes ces ombres qui tâchent de nous cacher le but disparaîtront. Avant peu, il se fera un grand évanouissement qui sera la disparition définitive du passé. Ce jour-là 89 sera accompli et la Révolution de la France sera la Révolution d'Europe. Ce jour-là les frontières s'effaceront, nous aurons tous la même patrie, la République, il n'y aura plus ni France, ni Portugal, ni Allemagne, ni Italie, il y aura Paris, capitale du monde, et l'Europe, centre et lumière des continents.»<sup>11</sup>

Uma Europa sem fronteiras mas ainda utópica e de sabor romântico germinava, pois, sob o ideal republicano do grande poeta francês.

E será ainda, através dos reptos líricos de Guilherme Braga, que Victor Hugo se impõe a uma vasta camada de fogosos e jovens intelectuais de que Sampaio Bruno fazia parte. Di-lo ele em *O Porto culto*:

«Se no liceu (...) as tiranias humanas nos revoltavam (...) também as brutalidades (...) nos arremaçavam a infantis rebeliões. Líamos

---

<sup>10</sup> *Ibid*, p. 105.

<sup>11</sup> *A Gazeta Democrática*, n.º 6, 3 de Maio de 1870.

com emoção ingénua os reptos ingenuos do portuense Guilherme Braga, dilacerante angustia artisticamente comentada em pungitiva blasfémia candida.»<sup>12</sup>

Em torno da leitura de obras hugolianas Sampaio Bruno ora elogiava os «possantísimos tomos de *Actos e Palavras*»<sup>13</sup>, ora discutia e condenava a pena de morte influenciado por *Le Dernier jour d'un condamné* e *Claude Gueux*.

Mais ainda, será interessante observar que o nome de Victor Hugo servirá de estímulo aos revoltosos do 31 de Janeiro e sustentará a sua acção. Evocando a véspera desse dia escreve Sampaio Bruno:

«Fora melancólico esse cair da noite, vagamente chuvoso; mas em nossas almas inquietas o entusiasmo santo, crepitante, alumiava; nós viamos a pátria livre e já feliz enfim; no abraço de despedida Aureliano Cirne disse-me umas altas, confiantes palavras de Victor Hugo.»<sup>14</sup>

Em suma, pode dizer-se que foi sobretudo por vias literárias que Hugo alcançou prestígio em Portugal; mas as décadas finais do século XIX envolveram o escritor num processo de mitificação ao engrandecerem especialmente as suas ideias políticas, sociais e morais. Para além disso, a sua postura de proscrito e de combatente transmitiu, ela também, um sentido e uma lição aos homens do século passado empenhados em projectos epopeicos ao desafiar os tiranos da Liberdade e do Progresso.

Maria do Nascimento Oliveira Carneiro

---

<sup>12</sup> BRUNO, Sampaio — *O Porto Culto*, Porto, 1912, p. 499.

<sup>13</sup> SERRÃO, Joël — *Sampaio Bruno. O homem e o pensamento*, Lisboa, Livros Horizonte, 1986, p. 34.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 34.